

CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE LIBRAS - PORTUGUÊS EM GOIÁS: CONTEXTO HISTÓRICO, DESAFIOS E CARACTERÍSTICAS

BILINGUAL PEDAGOGY COURSE OF LIBRAS – PORTUGUESE IN GOIÁS: HISTORICAL, CONTEXT, CHALLENGES AND CHARACTERISTICS

Alessandra Ribeiro Astrol de Araujo¹

Juliana Guimarães Faria²

Resumo: O tema é a formação de professores para educação de surdos nas séries iniciais da educação básica e educação infantil. Especificamente, foca o curso de Pedagogia Bilíngue: Libras/Português ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás (IFG) de Aparecida de Goiânia. O objetivo é apresentar as características do curso, analisar a sua importância no Estado e registrar quais as potencialidades e dificuldades no seu desenvolvimento. A metodologia possui abordagem qualitativa do tipo exploratória, com realização de entrevistas com duas gestoras e análise de documentos. Conclui-se que a concepção do curso pressupõe que o egresso deve saber ensinar uma criança com métodos e técnicas específicas. Ainda, que o curso resulta do desejo da comunidade educacional do IFG, porém enfrentam desafios na sua implantação, como a necessidade de tradutores e intérpretes, especificidades próprias de surdos dentro da instituição e falta clareza dos ingressantes quanto ao seu propósito.

Palavras chave: Formação de professores; Pedagogia Bilíngue; Libras; IFG.

Abstract: The theme is the training of teachers for the education of the deaf in the initial grades of basic education and early childhood education. Specifically, it focuses on the Bilingual Pedagogy: Libras / Portuguese course offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of the State of Goiás (IFG) in Aparecida de Goiânia. The Aims is to present the characteristics of the course, analyze its importance in the State and record the potential and difficulties in its development. Methodology has a qualitative exploratory approach, with interviews with two managers and analysis of documents. It is concluded that the conception of the course assumes that the egress must know how to teach a child with specific methods and techniques. Still, the course results from the desire of the IFG educational community, but they face challenges in its implementation, such as the need for translators and interpreters, specifics of the deaf within the institution and lack of clarity on the part of the students regarding their purpose.

Keywords: Teacher training; Bilingual Pedagogy; Sign Language; IFG.

Recebido em 30 de novembro de 2020

Aceito em 10 de janeiro de 2021

¹ Professora da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. Especialista em Literatura da Língua Portuguesa pela Faculdade Alfredo Nasser, Graduanda em Pedagogia Bilíngue pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Goiás e Graduada em Letras pela Universidade Alfredo Nasser.

Email: aleastrol@gmail.com

² Professora Associada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás nos cursos de Licenciatura em Letras: Libras, de Bacharelado em Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português, de Especialização em Linguística das Línguas de Sinais e no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística.

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás.

Email: julianagf@ufg.br

Introdução

O artigo aborda sobre a formação de professores para a educação de surdos. Especificamente, a formação de professores para trabalhar com crianças surdas na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, em curso de Pedagogia Bilíngue: Libras/Português em Goiás, ofertado no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia.

As motivações para escrever este artigo partiram tanto da contemporaneidade do tema, quanto de experiências pessoais das autoras. A primeira, sendo professora, formada em Licenciatura em Letras – Português/Inglês, no ano de 2007, dois anos após a publicação do Decreto 5.626/05, que regulamenta a Lei 10.436/02, Lei de Libras (Língua Brasileira de Sinais) e que se viu desafiada quando, no chão da escola, teve contato com crianças surdas e se matriculou no referido curso (em estudo neste artigo). A segunda, também professora, formada em Pedagogia em 2001, antes da aprovação das referidas legislações, e que também se viu desafiada a trabalhar com educação superior na formação de professores de Libras (curso de Letras: Libras), com estudantes surdos em salas mistas. Para ambas, a disciplina de Libras não fez parte da grade curricular quando fizeram a graduação, como hoje já está previsto em todos os cursos de licenciatura, conforme o Decreto 5626/2005 (BRASIL, 2005). Tampouco tiveram uma formação específica para serem docentes de surdos.

Este contato que o docente tem com a Libras, na sua formação inicial, conforme previsto no Decreto 5626/2005 (BRASIL, 2005), não foi oportunizado a nós, autoras deste artigo, apesar da vida profissional nos levou a exigir esse conhecimento. Compreendemos, porém, que o contato com a Libras, ainda na formação inicial, seria um dos primeiros passos para quem tem a possibilidade de vir a atuar com discentes surdos. Ou seja, partimos do reconhecimento que a educação de surdos não pode ser desenvolvida sem que tenham professores formados e que compreendam as suas especificidades linguística e didático-pedagógica (FERNANDES; MOREIRA, 2014 e PAIVA; FARIA; CHAVEIRO, 2018).

O referido Decreto (5626/2005) não só previu a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, como também previu a possibilidade de criação de novos cursos de graduação no Brasil, visando a formação de profissionais para atuarem com a educação de surdos, sendo eles: formação de professores de Libras, em cursos de licenciatura, como o curso de Letras - Libras; formação de tradutores e intérpretes, em cursos de bacharelado em tradução e interpretação do par linguístico Libras e português; e formação de professores para

atender crianças surdas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, como o curso de Pedagogia na perspectiva bilíngue, Libras e português (BRASIL, 2005).

Esse artigo tem como foco, justamente, um curso que forma o pedagogo bilíngue Libras - Português. O curso em análise foi iniciado em 2015, é denominado Pedagogia Bilíngue: Libras/Português, e é ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) – Campus Aparecida de Goiânia.

O objetivo do nosso estudo é identificar as características do curso em análise a partir da análise de documentos e do relato de duas profissionais que atuaram na gestão deste curso, sobretudo no que se refere ao seu processo histórico de surgimento. Ainda, identificar o processo de nascimento do curso; e registrar quais as potencialidades e dificuldades deste curso dentro do IFG – Aparecida de Goiânia.

As problematizações que motivaram o estudo partiram das seguintes indagações: Como se deu o processo de surgimento do curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue: Libras/Português no Campus Aparecida de Goiânia? Qual o papel do IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/Aparecida de Goiânia na implantação deste curso? Quais as potencialidades e dificuldades durante o seu andamento e as expectativas para os próximos anos?

A metodologia do estudo tem uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa exploratória (ESTEBAN, 2010; GIL, 2008). Para a coleta de dados, realizou-se um estudo em documentos do IFG (Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI e Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Bilíngue: Libras/Português - PPC) e também se realizou entrevistas com as duas primeiras professoras (ouvintes) que atuaram como coordenadoras do curso: Dra. Waléria Batista da Silva Vaz Mendes (identificada no artigo como Entrevistada Waléria Vaz), que foi a primeira coordenadora; e Dra. Aleir Tenório Ferraz (identificada no artigo como Entrevistada Aleir Tenório Ferraz), a segunda coordenadora do curso.

As entrevistas se caracterizam como semi-estruturadas (GIL, 2008) e objetivaram identificar o histórico do surgimento do curso, as expectativas enquanto coordenadoras, os desafios enfrentados e a importância do curso para a instituição. A análise e apresentação dos dados advindos das entrevistas foram construídas com base na seleção de trechos e agrupamento de temas afins (BARDIN, 2007).

A entrevistada Waléria Vaz fez e faz parte da luta pela educação de surdo bilíngue no Estado de Goiás e é professora no ensino superior desde 2001. Trabalhou com a disciplina de Libras e com disciplinas de cunho pedagógico em diferentes cursos de licenciatura e bacharelado e em cursos de pós-graduações em Goiás. A entrevistada Aleir Tenório Ferraz é

docente nas áreas de Processo de Ensino e Aprendizagem, Inclusão Social, Formação Humana e Políticas Públicas em Educação.

Do ponto de vista metodológico, Ribeiro (2008, p.130) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Os dados advindos das entrevistas e documentos são analisados neste artigo conforme Bardin (2007), no qual os conteúdos foram agrupados por temas. Os dados são apresentados a partir de recortes das entrevistas, denominados excertos, enumerados à medida que aparecem no artigo.

Espera-se que este artigo possa contribuir para o desenvolvimento da proposta de formação inovadora para educação de surdos no Brasil, prevista no Decreto 5626/2005, pois se trata de uma nova experiência para a educação superior, na formação de professores de surdos no contexto bilíngue, conforme defendem diferentes autores (QUADROS, 2015; MELO, 2015; LACERDA, LODI, 2009). Ainda, pretende-se valorizar a importância da formação de professores para atuação com surdos, conforme Faria (2011), e fomentar e provocar novas pesquisas, visando incentivar um cenário político favorável às lutas da educação de surdos.

O artigo apresenta, inicialmente, uma breve contextualização da região onde o curso está localizado, da instituição que oferta o curso em estudo e do seu surgimento. Em seguida, aborda as características do curso, o seu histórico, importância e aspectos relacionados a potencialidades e dificuldades no seu desenvolvimento.

1 Sobre a instituição e a criação do curso: políticas nacionais e os primeiros passos

O IFG é uma instituição antiga do Estado de Goiás, remete ao ano de 1909. Conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2019-2023), era denominada de “Escola de Aprendizizes Artífices (...). Suas atividades tiveram início na então capital do Estado de Goiás, Cidade de Goiás, em 1911” (IFG, 2019, p. 6).

O IFG, desde sua origem, vem acompanhando as mudanças econômicas e sociais do país. Conforme mostra o PDI:

Nos anos 1930 e 1940, a sobreposição de crises políticas e econômicas foi decisiva para desencadear transformações profundas no país. Houve a assunção ao poder de Estado das forças sociais e políticas vinculadas a um projeto de modernização, industrialização e urbanização do país sobre bases supostamente nacionais, tendo os empresários vinculados à indústria na liderança desse processo. Nesse contexto, ocorreu a transformação das escolas de aprendizes artífices em escolas técnicas (da União). (IFG, 2019, p. 7).

No ano de 1959 foi convertido em Escola Técnica Federal, sendo denominada Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), pertencendo à União e atendendo prioritariamente ao ensino médio e ensino técnico. E, seguindo as mudanças econômicas e políticas do país, em 1999 se transforma em Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET-GO). Torna-se Instituto posteriormente, dentro da política de expansão da rede federal de educação profissional, sendo recentemente denominado Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), com Campus espalhados em 14 cidades.

O IFG na cidade de Aparecida de Goiânia está situado no coração do Brasil, na Região Centro-Oeste, no centro do Estado de Goiás, na sua segunda cidade mais populosa. Justamente por ser a segunda maior cidade do Estado de Goiás é que Aparecida de Goiânia foi escolhida para receber uma das novas unidades do IFG, considerando seu grande potencial socioeconômico e seu reconhecimento na área educacional pública e privada de qualidade.

O Campus Aparecida de Goiânia³ foi inaugurado em abril de 2012, dentro do projeto de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica no Brasil. Identificamos que é uma instituição que se preocupa também com a acessibilidade, como pode ser lido em um de seus documentos (no Projeto Pedagógico do Curso em análise):

O Campus Aparecida de Goiânia possui estrutura física completa e com acessibilidade. A área do Campus é de mais de 93 mil m², sendo mais de 20 mil m² de proteção ambiental. As instalações do Campus Aparecida de Goiânia são adequadas à acessibilidade de pessoas com deficiência. Para a instalação do Campus, o governo federal firmou parceria com o poder público municipal e cedeu área de 93 mil metros quadrados para a obra, o que possibilitou a construção de toda a estrutura física necessária, que inclui salas de aula, laboratórios, salas de música e dança, ateliê de arte, biblioteca, miniauditórios, restaurante estudantil, academia e um Complexo Tecnológico de Engenharia Civil. Da área cedida pelo poder público municipal, o Campus Aparecida reservou 20 mil metros quadrados para proteção ambiental. (IFG, 2018, p.7)

O Campus foi criado levando em consideração as proposições constantes em seu PDI 2012-2016 (Plano de Desenvolvimento Institucional) o qual já previa o curso de Engenharia

³ Os Campi do IFG recebem os nomes das cidades em que estão localizados.

Civil e o Curso de Pedagogia Bilíngue: Libras/Português. Conforme nos foi relatado nas entrevistas, o Curso foi desejado pela instituição: [excerto 01] “Como o campus foi criado levando em consideração as proposições constantes em seu PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional), e lá já constava o curso de Engenharia Civil e o Curso de Pedagogia Bilíngue, as discussões se iniciaram em 2012 e se efetivaram em 2015” (Entrevistada Waléria Vaz).

Ainda de acordo com a entrevistada Waléria Vaz, o curso foi a realização de um sonho, porque é resultado da luta da Comunidade Surda em Goiás e no Brasil: [excerto 02] “Minhas expectativas eram as melhores possíveis, já que fazer parte de um movimento nacional de tão grande importância para o Povo e a Comunidade Surda era um sonho de todos nós” (Entrevistada Waléria Vaz).

Apesar da inauguração do IFG – Aparecida de Goiânia ter sido em 2012, a primeira turma do Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue: Libras/Português, teve início, então, em 2015. Não se pode esquecer que a criação do curso está ligada às políticas educacionais. Uma delas é o novo Plano Nacional de Educação (PNE), item 4.7, que prevê a oferta de educação bilíngue, ou seja, de que tenham professores com essa expertise:

[...] garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos; (BRASIL, 2014, p. 56).

Uma outra política pública é o Programa Viver Sem Limites, instaurado por meio do Decreto 7.612/2011 (BRASIL, 2011) que institui o Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência. Foi justamente este Decreto que financiou a abertura de mais de 20 cursos superiores em instituições federais no Brasil, voltados para a educação de surdos. O Decreto viabilizou financeiramente a abertura de cursos, com vagas para professores e técnicos, e instauração de tecnologias para a educação de surdos, inclusive no IFG – Aparecida de Goiânia.

No IFG – Aparecida de Goiânia, a professora Waléria Batista da Silva Vaz Mendes assumiu o cargo de primeira coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue: Libras/Português em 2015 e atuou até o fim do primeiro semestre de 2017. De acordo com a professora, o curso do IFG – Aparecida de Goiânia não foi resultado de trabalho individual e restrito à própria instituição, mas partiu também de uma dinâmica de debate externo,

envolvendo diferentes pesquisadores da área no Brasil. No excerto de entrevista 02, a seguir, é possível identificar que várias instituições federais se uniram para o diálogo sobre a proposta de um curso de Pedagogia Bilíngue no Brasil. Entretanto, de acordo com a entrevistada, houve um momento em que as especificidades regionais foram respeitadas e o debate se concentrou internamente.

[Excerto 03]

As discussões iniciaram numa iniciativa de pesquisadores de diferentes instituições de todo o Brasil. Montamos um grupo de trabalho que visava criar um curso de pedagogia bilíngue a partir da perspectiva surda e de seus aliados, como pode ser vista na proposta elaborada pela Gladis e Karin [Gladis Perlin e Karin Strobel]. Além desse objetivo, a ideia era também criar uma rede nacional bem articulada dentro das principais universidades (UFAM, UFC, UNICAMP, UEPA, UFBA, UFGD, URGs, UFSC dentre outras), Institutos Federais (IFSC, IFG) e o INES. Como o nosso país é muito grande e o número de surdos estimado na época era de 9 milhões (IBGE/2010) esse projeto de curso, que estava sendo elaborado, poderia ser utilizado por essas instituições de ensino para criarem internamente o seu próprio curso com a responsabilidade de atender ao Estado e, se possível, a região em que estivessem inseridas. Foi isso que aconteceu, as negociações entre INES e das demais instituições pararam e nosso processo tomou força e forma. Montamos um grupo de trabalho com professores do IFG e convidados. (Entrevistada Waléria Vaz).

A este grupo de trabalho interno citado pela entrevistada Waléria Vaz, foi dado o nome de *“Equipe de Elaboração e Sistematização do Projeto Pedagógico de Curso”* e os componentes designados pela Portaria do IFG nº 1936, de 14 de outubro de 2014, foram: Flávia de Almeida Pinheiro, José Renato Masson, Josiane dos Santos Lima, Késia Mendes Barbosa Oliveira, Rejane Maria Goncalves Maia, Sandro Henrique Ribeiro, Sérgio Vaz Mendes, Thiago Cardoso Aguiar, Wanderley Azevedo de Brito e também a própria Waléria Batista da Silva Vaz Mendes. O grupo de trabalho também contou com os seguintes colaboradores: Alexssandro Ribeiro Moura, Jaqueline Pereira de O. Villasboas, Joana Cristina Neves de Menezes Faria, Marcelo Augusto de Lacerda Borges, Marcos Flávio Mercio de Oliveira, Maria Etevalda Batista da Silva, Oneida Cristina Gomes B. Irigon e Rachel Benta Messias Bastos.

Esse grupo de trabalho foi apontado como os colaboradores da proposta de criação do curso de Pedagogia Bilíngue Libras/Português do IFG – Aparecida de Goiânia. A seguir apresentamos as características do curso, importância e os desafios enfrentados.

2 Características do curso: caminhos, desafios e realidade

O curso tem duração de 4 anos, possui uma carga-horária de 4248 horas-aula divididas entre: Núcleo de Estudo de Formação Geral; Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos das Áreas de Atuação Profissional; e Núcleo de Estudos Integradores para Enriquecimento Curricular. O processo seletivo prevê vagas para surdos e possui, portanto, grupos mistos de alunos surdos e ouvintes.

Em entrevista, quando relataram o propósito do Curso de Pedagogia Bilíngue: Libras/Português do IFG-Aparecida de Goiânia e sua importância, a entrevistada Waléria Vaz esclarece que o foco é formar um profissional com capacidade de atuar nas primeiras fases de aprendizado da criança surda.

[Excerto 04]

Isso porque, com a criação dos cursos de Letras - Libras estaríamos pensando a respeito do Ensino Fundamental, segunda fase, e Ensino Médio, deixando de lado a Educação Infantil o Ensino Fundamental, primeira fase. Considerando que essa fase de formação é aquela que mais tem dificuldade em lidar com os processos educacionais da criança surda. Propor um curso que forme esses profissionais pedagogos que além de conhecer a Língua de Sinais, discutem e criam metodologias e estratégias de intervenção no processo de ensino e aprendizagem dos surdos, é algo fantástico. (Entrevistada Waléria Vaz).

Leite (2017) também pondera a importância e necessidade da criação de um curso que foque as séries iniciais, um curso de pedagogia bilíngue. Ainda, nesse excerto 03, é possível identificar na fala da entrevistada o que muitos profissionais ouvintes, como também surdos, têm dúvidas: a diferença entre Pedagogia Bilíngue: Libras/Português e o curso de Licenciatura em Letras: Libras. O primeiro é voltado para a educação de crianças surdas na primeira fase do ensino fundamental e o segundo é voltado para o ensino de Libras. Esse tema pode também ser esclarecido no art. 4º do Decreto 5626/2005 sobre a formação do professor de Libras:

A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/ Língua Portuguesa como segunda língua. (BRASIL, 2005, p. 3).

No que se refere a sua expectativa como primeira coordenadora, a entrevistada assim relata:

[Excerto 05]

Minhas expectativas eram as melhores possíveis, já que fazer parte de um movimento nacional de tão grande importância para o Povo e a Comunidade Surda era um sonho de todos nós. (Entrevistada Waléria Vaz).

Nas palavras da entrevistada, a criação do curso é a concretização de algo desejado, de ver os frutos de uma luta se materializando. E, pela sua explicação, foi possível identificar que foi materializado um curso que, além dos conteúdos próprios da formação de professores pedagogos, pudesse trabalhar com aspectos específicos da língua de sinais, a Libras, durante as disciplinas ofertadas, como também diferentes abordagens teórico-metodológicas para a educação de surdos (ver excerto 03).

Comparamos a fala da entrevistada com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) (IFG, 2018), que foi revisado e reformulado pela equipe de profissionais da Instituição. Constatamos a presença da preocupação com a especificidade linguística do surdo dentro do curso em análise do IFG. De acordo com o PPC, o objetivo da formação do curso é: “formar o educador bilíngue, que ao final do curso esteja apto a trabalhar com a educação de estudantes surdos e ouvintes, atendendo a todos em sua primeira língua e com metodologias de ensino adequadas a ela” (IFG, 2018, p. 11).

Seguindo essa preocupação, identificamos ementas de disciplinas que trabalham a metodologia de ensino com foco na educação de surdos. Por exemplo, na área de ensino de matemática nas séries iniciais do ensino fundamental. Na ementa, observa-se a menção à educação de surdos.

Figura 01 – Exemplo de Ementa de Disciplina do PPC que contempla estudos aplicados sobre os surdos.

Disciplina: Fundamentos e Metodologias do Ensino de Matemática.	Período: 3º
	Carga Horária: 81h
Ementa:	
Apresentar e discutir aspectos teóricos e práticos do ensino e da aprendizagem da Matemática, utilizando o princípio da problematização dos conteúdos e das práticas cotidianas. Analisar outras leituras, com novos enfoques, para o ensino da matemática, abordando os conceitos de Numeração, Espaço, Forma e Tempo, Grandezas e Medidas, e Tratamento da Informação. Apresentar, analisar e discutir surdez e inclusão no ensino da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental.	

Fonte: IFG, 2018, p. 85.

A segunda coordenadora do curso é a Professora Doutora Aleir Ferraz Tenório, que compreende que vem contribuindo para o crescimento do curso. O excerto 05 traz seu relato como atuante no cargo:

[Excerto 06]

É uma experiência importante e significativa para a minha carreira de longo tempo como docente. Considero que ainda estamos em tempo de implantação do curso. Vivenciaremos agora uma mudança importante realizada no PPC do curso com a nova matriz que estará rodando onde foram feitos alguns ajustes. São muitos desafios a serem vencidos. Muitos já o foram. Alguns outros ainda não e outros tantos vão aparecendo ao longo do percurso. É gratificante poder, junto com os nossos colegas professores, intérpretes e demais gestores, poder contribuir com a educação superior a pessoas surdas – aquelas que estão fazendo o curso – e, também, ver o engajamento dos alunos ouvintes nos assuntos concernentes à comunidade surda. (Entrevistada Aleir Tenório Ferraz).

Identificamos no relato da gestora, no excerto 05, que há desafios que são vivenciados e que o curso possui um propósito (a educação de surdos) que faz com que as pessoas que estão ligadas a ele (professores, gestores, alunos e comunidade universitária) se sintam gratificadas.

No que se refere aos desafios enfrentados, em razão desta proposta de formação bilíngue no curso do IFG – Campus Aparecida de Goiânia, com alunos surdos, identificamos que o PPC prevê que o estágio deva ser cumprido, prioritariamente, em escolas onde existam estudantes surdos. Estes espaços, muitas vezes, não são escolas bilíngues, ou seja, a maioria dos profissionais que recebem o estagiário surdo não sabe Libras. Isso pressupõe soluções que ultrapassam o espaço físico do IFG, como a necessidade de apoio de uma equipe multiprofissional do IFG, como tradutores e intérpretes, atuantes para contribuir com a formação do aluno surdo do curso fora do espaço geográfico do IFG.

Ainda, no próprio IFG – Aparecida de Goiânia, com os alunos surdos, é de suma importância ao processo de ensino e aprendizagem do licenciando a presença do intérprete e tradutor de Libras-Português. Como o curso tem uma reserva de vagas para pessoas surdas, estas, quando forem ao campo de estágio, conforme relato das gestoras, poderão precisar de profissionais intérpretes para fazer a mediação com as personagens dessas instituições, além da mediação dentro do próprio IFG, nas aulas e nos demais espaços da instituição.

O PPC do IFG – Aparecida de Goiânia prevê a existência desse profissional e assim descreve as suas atribuições:

- a) Realizar a mediação comunicativa entre estagiários surdos e os personagens do campo de estágio, quando estes não forem usuários de Língua de Sinais (LS);

b) Realizar a mediação comunicativa entre o(a) professor(a) orientador(a), surdo(a) ou ouvinte, e os estagiários, quando qualquer das partes não for usuária de LS. (IFG, 2016, p. 33).

Quando perguntada sobre outras dificuldades que foram enfrentadas pela gestão, enquanto coordenadora, assim relatou a entrevistada Waléria Vaz:

[Excerto 07]

Enfrentamos vários percalços: Código de vagas ainda insuficiente para a demanda do curso, professores leigos sobre a educação de surdos e até mesmo sobre a importância do professor na realidade educacional brasileira. Do edital para o Processo Seletivo de alunos até a contratação de intérpretes, tudo no curso foi pensado para atender a Comunidade Surda e, mesmo assim, tivemos certas dificuldades. (Entrevistada Waléria Vaz).

As dificuldades relatadas pela entrevistada Waléria Vaz ultrapassam a presença de tradutores e intérpretes, visto que também se referem a questões institucionais de processo seletivo e de formação do quadro docente para atender ao aluno surdo matriculado. Da mesma maneira, a entrevistada Aleir relata que também há outras dificuldades que estão sendo enfrentadas:

[Excerto 08]

Oportunizar aos alunos surdos que adentram ao curso para se formarem professores, condições de melhor acessarem a L2 (segunda língua) – no sentido de que possam melhor se prepararem teoricamente – leitura dos textos, escrita etc. Neste sentido, é preciso que os alunos tenham tempo para isto. Todos são trabalhadores e possuem pouco tempo, assim como os ouvintes, de se dedicarem aos estudos; Manter um quadro de intérpretes como servidores do IFG; E em número mais adequado a todas as nossas necessidades que não são apenas as salas de aulas: estágios, participação em cursos, atividades de pesquisa, orientação etc; Equipamentos tecnológicos apropriados; Carga horária docente ainda é alta entre alguns dos professores do curso – o que impede em alguns momentos a realização de um trabalho mais próximo entre os alunos. Inclusive a oferta de algumas disciplinas optativas; Manter uma formação continuada entre o corpo docente no que se refere ao atendimentos aos alunos surdos etc. (Entrevistada Aleir Tenório Ferraz).

Observa-se que a entrevistada Aleir Tenório Ferraz nos acrescenta que não só dificuldades institucionais são presentes no dia-a-dia do curso, como trazido pela entrevistada Waléria Vaz, mas também dificuldades de cunho acadêmico e pedagógico, com o olhar para as especificidades dos alunos surdos da educação superior dentro do IFG. Algumas dessas dificuldades também são relatadas por autores que pesquisam a presença de surdos na

educação superior no Brasil de forma geral (SANTANA, 2016; MACHADO, TRES, DE OLIVEIRA, 2012).

Perguntamos sobre os aspectos positivos que fazem valer todo esforço e a entrevistada Waléria Vaz ressaltou da importância e do grande enriquecimento das parcerias e da dedicação do grupo de professores do próprio Campus IFG – Aparecida de Goiânia. A professora Aleir Tenório Ferraz ressaltou também o impacto social deste curso para a sociedade:

[Excerto 09]

Tivemos muitos parceiros ao longo do caminho, como professores que se dedicaram em aprender sobre as peculiaridades da Educação de Surdos e o próprio movimento do Campus na atenção especial dada a essa comunidade. (Entrevistada Waléria Vaz).

[Excerto 10]

Chamar a atenção para a importância da educação bilíngue com foco na surdez; qualificar professores que poderão vir trabalhar com alunos surdos; qualificar profissionais da educação que venham a pensar políticas educacionais públicas voltadas às pessoas com necessidades educacionais especiais – seja surdez ou outra; valorizar o processo de inclusão que deve ser vivenciado pela população brasileira em todos os sentidos – com pessoas surdas e outras detentoras de necessidades educacionais especiais. (Entrevistada Aleir Tenório Ferraz).

No final do segundo semestre de 2018, a primeira turma a ingressar no curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue: Libras/Português concluiu sua formação. A primeira coordenadora, assim como alguns dos primeiros professores, foram convidados a fazer parte da banca de apresentações dos TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso). Foi considerado um momento rico e até emocionante, tanto para as formandas, quanto para a primeira coordenadora, Professora Waléria Vaz, que assim relatou: [Excerto 11] “Fiquei extremamente feliz. Participei diretamente na criação dos temas de cada uma delas. Todas, dentro de suas limitações, superaram as barreiras e pesquisaram aquilo que era seu desejo” (Entrevistada Waléria Vaz).

A mesma avaliação positiva foi passada pela Entrevistada Aleir Tenório Ferraz. Assim comenta sobre a formação da primeira turma do curso:

[Excerto 12]

As primeiras formandas vivenciaram muitos desafios que já não vivenciariam as demais. Trata-se de uma turma que acessou muitos conhecimentos pedagógicos importantes. São Pedagogas que, com certeza, terão uma atuação diferenciada em termos do olhar para a comunidade surda, mas também, para todas as pessoas que precisam de atendimentos

específicos ao longo de suas trajetórias escolares. São alunas comprometidas, creio eu, em fazer a diferença no espaço escolar onde forem atuar. O fato de ser uma formação em Pedagogia Bilíngue Libras/Português no Brasil, traz sobre os nossos ombros muito orgulho, mas muito mais responsabilidade no sentido de buscar controlar os desafios; avaliar os erros e acertos no sentido de oferecer uma educação que, de fato, continue a fazer diferença nesta sociedade. (Entrevistada Aleir Tenório Ferraz).

Vale destacar, então, que a criação do curso é avaliada como algo positivo e de contribuição para a região. Conforme entrevista com Aleir Tenório Ferraz, as contribuições do curso ainda são:

[Excerto 13] Atender ao público surdo que carece de uma metodologia de ensino que atenda às suas necessidades específicas; Valorizar estas pessoas que são em número razoável dentro da população brasileira; E comprometimento com uma educação inclusiva, de fato (Entrevistada Aleir Tenório Ferraz).

A primeira turma, iniciada em 2015, contava com 30 alunos. Em 2018, porém, apenas 13 alunas concluíram. Há uma diferença significativa entre o número de ingressantes e concluintes e a entrevistada Waléria Vaz justifica que se trata da primeira turma e que existia certa confusão na sociedade sobre a proposta do curso e que até hoje essa confusão é detectada. Como explica:

[Excerto 14]
Muitos dos que entraram, por ser uma proposta nova, entraram enganados achando que a proposta se tratava de um curso de formação de intérpretes. Só depois que iniciaram o curso é que se deram conta do perfil. [...] Outros foram por questões pessoais que não podem ser controladas pelo instituto [IFG] (Entrevistada Waléria Vaz).

A contemporaneidade do tema e o ineditismo do curso pode ter sido um dos causadores dessa confusão inicial dos primeiros ingressantes relatado pela entrevistada Waléria Vaz. Em 2019, teve início o ingresso da quinta turma, e as expectativas das professoras entrevistadas para os próximos anos são positivas.

[Excerto 15]
Que ele prossiga com o mesmo comprometimento que até o momento há por parte da equipe gestora do Campus, dos professores e alunos. Que os desafios apontados e outros que não o foram, possam ser vencidos. Que possamos continuar a oferecer uma educação de qualidade preparando professores para atuarem no universo da surdez. Que ele possa servir como uma experiência norteadora de tantas outras que precisam existir no Brasil, que valoriza a Inclusão de todas as pessoas na sociedade brasileira e na Escola – nosso lócus de atuação (Entrevistada Aleir Tenório Ferraz).

Ainda, para finalizar, relataram sobre o perfil do egresso. E, a entrevistada Waléria Vaz deixa claro que, em relação ao mercado de trabalho, o profissional egresso do IFG – Aparecida de Goiânia possui as mesmas oportunidades de um pedagogo licenciado formado por outras instituições. Inclusive, acrescenta que o próprio Ministério da Educação exige que, para atuar com crianças em séries iniciais do ensino fundamental, surdas ou não, a formação em curso de pedagogia é condição *sinequanon*. Então, para a entrevistada Waléria Vaz, o IFG oferece um adicional na formação, que é também formar com o perfil de educador bilíngue para crianças surdas.

Por fim, a entrevistada Waléria Vaz incentiva e valoriza o papel da pesquisa na formação do pedagogo. Assim se pronuncia como um recado aos formandos: [Excerto 15] “Não deixem de pesquisar e contribuir na formação educacional das pessoas surdas. Advém dos pioneiros as melhores ideias para contribuir com os processos educacionais que envolvem surdos e ouvintes” (Entrevistada Waléria Vaz).

Considerações finais

Os dados coletados nos permitem trazer uma contribuição otimista, já que o curso de Pedagogia Bilíngue: Libras/Português do IFG – Aparecida de Goiânia se mostra como a representação da materialização de uma prática desejada pela comunidade. Os dados mostram que a sua oferta é vista como um passo significativo e importante na história do IFG e da Comunidade Surda em Goiás, no desafio de criação de uma educação bilíngue.

No que se refere ao Estado de Goiás, é de se registrar que há outras instituições que também desenvolvem ações e lutas em relação à educação bilíngue para surdos, como a organização da sociedade civil denominada Fórum Estadual em Defesa da Educação Bilíngue, que se somam às atividades que o IFG – Aparecida de Goiânia no que concerne à educação de surdos. Ainda há: a Universidade Federal de Goiás, que oferece o curso de Letras: Libras e Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português para formar professores da educação básica e tradutores e intérpretes; CAS-Goiás, Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez, com ações de atendimento educacional ao surdo, valorização da Libras, formação profissional de tradutores e intérpretes e formação continuada de professores; e ASG – Associação de Surdos de Goiânia, com diversas ações sociais, culturais, desportivas e educacionais para o surdo.

Além disso, do ponto de vista da política, a cidade de Goiânia aprovou a Lei de implantação da Escola Bilíngue (GOIÂNIA, 2015), ação a qual está em tramitação em outras cidades do Estado de Goiás. Ter as Escolas Bilíngues em outras cidades do Brasil é também

um ganho para a Comunidade Surda, com oferecimento de Libras como língua de instrução e Português escrito como segunda língua (QUADROS, 2015).

Entendemos que o curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue: Libras/Português do IFG – Campus Aparecida de Goiânia se propõe a formar professores para trabalharem com surdos, quer esteja em salas de aulas inclusivas, regulares ou bilíngues. A formação de professores pedagogos bilíngues possibilitará à criança surda iniciar sua socialização e desenvolvimento da aprendizagem desde a educação infantil. A característica do curso é de turmas mistas (alunos surdos e ouvintes), com proposta curricular dividida em núcleos estudados durante quatro anos de duração.

As dificuldades encontradas durante sua implantação e surgimento perpassam desde aspectos administrativos, de contratação de equipe multidisciplinar, como tradutores e intérpretes de Libras-Português, como de aspectos pedagógicos e acadêmicos que se relacionam à prática bilíngue com alunos surdos, o processo seletivo, suas especificidades e necessidades formativas, inclusive de professores com formação específica para lidar com estudantes universitários surdos.

O estudo contribui com o registro da importância do curso de Pedagogia Bilíngue Libras/Português no Brasil e que seu processo de implantação é desafiador. Compreendemos que há limitações no nosso estudo, visto que teve como fonte de dados o relato de duas gestoras e não trouxe a voz dos próprios estudantes do curso. Assim, entendemos que outros estudos são necessários para aprofundar na compreensão dos desafios e do processo de implantação de um curso bilíngue de formação superior.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

BRASIL. Lei Federal n. 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, seção 1, p. 23, 2002.

_____. Decreto Federal n 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, p. 28-30, 2005.

_____. Decreto 7612, de 17 de novembro de 2011. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, seção 1, p. 12, 2011.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação -PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder legislativo, Brasília, DF, 2014.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FARIA, Juliana Guimarães. Formação, profissionalização e valorização do professor surdo: reflexões a partir do Decreto 5.626/2005. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. 1, p. 87-100, 2011.

FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 51-69, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOIÂNIA. Lei 9681. Dispõe sobre Diretrizes e Parâmetros para o desenvolvimento de Políticas Públicas Educacionais voltadas à Educação Bilíngue Libras/Português escrito a serem implantadas e implementadas no âmbito do Município de Goiânia. **Diário Oficial do Município**. n. 6193. Poder Legislativo, Goiânia, 2015.

IFG. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2019-2023)**. IFG: Goiânia, 2019.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue: Libras/Português**. IFG: Aparecida de Goiânia, 2018.

LACERDA, Cristina B. F. de; LODI, Ana Claudia Balieiro. A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. (org.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

LEITE, Maurycéia. Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais: a Pedagogia numa perspectiva bilíngue. **Revista Diálogos**, v. 4, n. 1, p. 90-104, abr. 2017.

MACHADO, Maiara Bruna; TRES, Rafaela; DE OLIVEIRA, Lisandra Antunes A. Inserção do deficiente auditivo ou surdo no Ensino Superior da Universidade do Oeste de Santa Catarina- campus de São Miguel do Oeste. **Unoesc & Ciência - ACHS**, v. 2, n. 2, p. 156-165, 26 jan. 2012.

MELO, Ana Dorziat Barbosa de. O direito dos surdos à educação (um estudo com jovens de 14 a 22 anos). LODI, Ana Claudia Balieiro (org.). **Letramento e bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

PAIVA, Gláucia Xavier dos Santos; FARIA, Juliana Guimarães; CHAVEIRO, Neuma. O ensino de libras nos cursos de formação de professores: desafios e possibilidades. **Revista Sinalizar**, v. 3, n. 1, p. 68-80, 6 jul. 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. O “BI” em bilinguismo na educação dos surdos. In: LODI, Ana Claudia Balieiro. *et al.* **Letramento, Bilinguismo e educação de surdos**. Editora Mediação. 2 ed. Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Revista Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

SANTANA, Ana Paula. A inclusão do surdo no ensino superior. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, n. 1, p. 85-88, 2016.